



O OLHAR VIAJANTE

Casa Fiat de Cultura apresenta, a partir de 22 de outubro, 184 obras de viajantes europeus que retrataram o Brasil ao longo do século XIX

A chegada da corte portuguesa ao Brasil e a conseqüente abertura de nossos portos e de nosso território à entrada dos estrangeiros, o que era até então proibido, foram um dos fatores que deram início à criação de um Estado Brasileiro. Com Dom João VI, há duzentos anos, iniciou-se o séqüito de cientistas, artistas ou apenas viajantes talentosos que geraram o legado precioso sobre a paisagem e os costumes da época ao longo de todo o século XIX. Ao recontarem a seus conterrâneos, por meio de ilustrações e relatos, suas experiências singulares, eles criaram um universo de registros, a cujas coleções se convencionou chamar brasileiras.

Exemplos desta fascinante arte que mostrava ao velho continente as impressões detalhadas sobre o novo mundo poderão ser apreciados pelo público na Casa Fiat de Cultura (Rua Jornalista Djalma de Andrade, 1.250, Belvedere). De 22 de outubro a 18 de dezembro, será realizada a exposição *Olhar Viajante*, que reúne 184 obras, entre pinturas, aquarelas e gravuras, capazes de resumir a experiência dos viajantes europeus que por aqui passaram no século XIX.

Pela primeira vez, representativa seleção da Coleção Brasileira/ Fundação Estudar da Pinacoteca do Estado de São Paulo estará em Minas Gerais. Na opinião de Carlos Martins, um dos curadores da exposição, será uma grande oportunidade para o público mineiro de conhecer uma significativa produção de arte brasileira do século XIX, que não existe em coleções públicas de Minas Gerais. Ele conta que os acervos de arte de Ouro Preto (MG), por exemplo, são constituídos por obras anteriores ao "olhar viajante", da fase colonial do Brasil. "Por isso, é muito interessante abordar um outro período, além daquele que já se conhece em Minas", ressalta Martins.

Os trabalhos expostos são um convite à reflexão sobre a contribuição estrangeira para a arte brasileira. Afinal, são os artistas viajantes do século XIX os responsáveis por introduzir no país, à época, o consagrado gênero da pintura de paisagem, que teve importante papel na formulação de um projeto artístico nacional durante o Segundo Império.

A exposição *Olhar Viajante* é dividida em três núcleos: *O Rio de Janeiro e a Corte*, *Registros de Viajantes* e *Paisagens do Brasil*. Logo na entrada da mostra, a primeira obra a ser vista pelo público é uma alegoria da América, datada do século XVII. A pintura revela a visão fantasiosa dos europeus em relação ao continente americano, e ao Brasil em especial. Ela funciona como um contraponto ao restante da exposição, que retrata, justamente, as narrativas visuais construídas a partir da observação e da vivência desses estrangeiros aqui, possibilitadas pela abertura da nação após a chegada de D.João VI.

Junto à pintura, haverá um terminal multimídia, com a função de explicar o conceito de "alegoria", assim como a popularidade da representação alegórica dos quatro continentes (América, Ásia, África e Europa) no período anterior ao século XIX. Carlos Martins explica, ainda, que "Alegoria da América" foi escolhida pela curadoria por ser fruto da imaginação, do desejo e dos vagos relatos de viagem existentes sobre o Brasil antes do século XIX.

nação após a chegada de D. João VI.

Junto à pintura, haverá um terminal multimídia, com a função de explicar o conceito de “alegoria”, assim como a popularidade da representação alegórica dos quatro continentes (América, Ásia, África e Europa) no período anterior ao século XIX. Carlos Martins explica, ainda, que “Alegoria da América” foi escolhida pela curadoria por ser fruto da imaginação, do desejo e dos vagos relatos de viagem existentes sobre o Brasil antes do século XIX.

Para Valéria Piccoli, também curadora da exposição, entre os destaques da exposição estão as pinturas do francês Jean-Baptiste Debret, um dos fundadores da Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Além dos trabalhos do alemão Johann Moritz Rugendas, que realizou o percurso entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais e, ao voltar à Europa, publicou um livro de viagens com interessantes estudos sobre o modo de representação da natureza.

OS NÚCLEOS

O Rio de Janeiro e a Corte

Primeiro núcleo da mostra, *O Rio de Janeiro e a Corte* busca criar a oposição entre a imagem oficial da cidade e de seus habitantes e a imagem real do cotidiano do Rio. Reúne retratos de personalidades da casa reinante, além de nobres e aristocratas, assim como vistas da cidade – o centro cultural, político e econômico do império –, envolta por sua exuberante natureza. Assim, conforma-se a imagem oficial de um país que pretende ser a continuidade das monarquias e da cultura europeia no Novo Mundo. Paralelamente, as atividades cotidianas do Rio, registradas em cenas de gênero, denunciam a maciça utilização do braço escravo, o que reforça a permanência, em certa medida, da ordem colonial. Ao todo, são 51 obras.

Os destaques desse núcleo são *Revista das tropas destinadas a Montevideú*, uma das poucas pinturas a óleo feitas por Debret, o mestre de pintura histórica da Academia, durante sua estada de 15 anos no Brasil; e a obra *Rio de Janeiro*, de Alessandro Ciccarelli, uma impactante vista da baía de Guanabara, no Rio. Na imagem, o artista, de origem napolitana como a imperatriz D. Teresa Cristina, utiliza o mesmo olhar devotado às pinturas da baía de Nápoles: a visão dourada do pôr-do-sol. “Os artistas ficavam encantados com o potencial das paisagens do Brasil”, ressalta Martins. Ciccarelli chegou ao Brasil na década de 1840, seguindo viagem para o Chile, onde fundou a Academia de Belas Artes de Santiago.

Desenhos de tipos populares do inglês Henry Chamberlain revelam a realidade da paisagem urbana brasileira. “Chamberlain, como vários outros viajantes, surpreendeu-se, por exemplo, ao perceber que não havia mulheres nas ruas e que os personagens que de fato ocupavam o espaço urbano eram os escravos, a carregar todo tipo de mercadorias”, explica Valéria Piccoli.

Registros de Viajantes

Chamado de Registros de Viajantes, o segundo núcleo da exposição aponta para a grande quantidade e diversidade de anotações, desenhos preparatórios, gravuras, relatos científicos e livros de viagens produzidos no decorrer do século XIX pelos viajantes, artistas ou amadores. Publicados pelas principais casas editoras europeias, esses registros combinam o conhecimento das Ciências Naturais a um especial cuidado visual. Registros de Viajantes é o núcleo com o maior número de obras. Ao todo, são 107 obras.

Entre os destaques do núcleo, está uma seleção de gravuras dos dois mais conhecidos livros de viagem ao Brasil, os de Debret e de Rugendas. Deste último, estarão expostas duas paisagens de Minas Gerais: *Serra Ouro Branco na província de Minas Gerais* e *Campos nas margens do Rio das Velhas*. Outra representação de terras mineiras é a do austríaco Thomas Ender, com um quadro retratando Ouro Preto.

Outras obras interessantes são os desenhos do alemão Karl Robert von Planitz e o interessante conjunto de 12 gravuras de vistas do Rio de Janeiro, de autoria do suíço Johann Jacob Steinmann, imagens que antecipam o que seriam hoje nossos

estarão expostas duas paisagens de Minas Gerais: *Serra Ouro Branco na província de Minas Gerais* e *Campos nas margens do Rio das Velhas*. Outra representação de terras mineiras é a do austríaco Thomas Ender, com um quadro retratando Ouro Preto.

Outras obras interessantes são os desenhos do alemão Karl Robert von Planitz e o interessante conjunto de 12 gravuras de vistas do Rio de Janeiro, de autoria do suíço Johann Jacob Steinmann, imagens que antecipam o que seriam hoje nossos cartões-postais. Também chamarão a atenção dos visitantes as 22 aquarelas do marinheiro francês Jules de Sinety, que registram todo o percurso feito pelo navio em que era tripulante da França até o Brasil. Ele tinha, provavelmente, a intenção de produzir uma publicação a partir desse material, o que nunca se concretizou.

Neste núcleo, o público terá acesso a uma câmera escura, especialmente reconstruída para a ocasião. O visitante poderá manipular e entender o funcionamento deste equipamento amplamente utilizado por artistas e amadores para registro de paisagens, constituindo-se num antecedente de nossas atuais máquinas fotográficas.

O segundo núcleo também conta com um terminal interativo que irá mostrar como se constitui no século XIX um gosto por procurar pontos de vista adequados para se observar paisagens. É curioso como os lugares escolhidos, naquela época, para olhar panoramas, são os mesmos procurados, ainda hoje, pelo turista contemporâneo, a exemplo do alto do Corcovado, no Rio de Janeiro.

Paisagens do Brasil

Por fim, *Paisagens do Brasil*, terceiro núcleo da exposição, aborda as diferentes fisionomias que a natureza brasileira assume sob o pincel de artistas estrangeiros que passaram pelo país ou aqui viveram, principalmente na segunda metade do século XIX. Ainda que sejam recortes cuidadosamente estudados e compostos a partir da observação precisa da natureza, a pintura de paisagem comporta uma série de arranjos que acabam por revelar mais sobre a personalidade do artista do que sobre o local representado. Ao todo, são 26 obras.

O módulo também aborda a trajetória de pintores de paisagens que chegam ao Brasil não apenas como viajantes, mas que se instalam no país e passam a formar discípulos. É o caso do italiano Nicolau Facchinetti, que apesar de ter vivido no Rio de Janeiro, realizou viagens ao Sul de Minas, e do francês Henri Nicolas Vinet, que viveu em Niterói. Ambos caracterizam-se como autores de pinturas que revelam grande intimidade com a paisagem local. "Essa familiaridade é fruto, sem dúvida, de sua permanência no Brasil. Isso diferencia as obras deles em relação às dos viajantes que estavam apenas de passagem", conclui Valéria.

No terceiro e último módulo, o público poderá apreciar, ainda, o papel de parede panorâmico *Vistas do Brasil*, feito de 30 segmentos que, justapostos, formam um panorama de 15 metros de comprimento, produzido pelo artista francês Jean-Julien Deltail, que, curiosamente nunca esteve no país. Seu trabalho foi realizado a partir das gravuras feitas para o livro de Rugendas, mas organizadas para compor uma outra narrativa. A obra é acompanhada por um terminal interativo que vai explicar o que são os papéis de parede panorâmicos do século XIX e como *Vistas do Brasil* foi produzido, além de trazer simulações de salas virtuais decoradas com tipos diferentes de papéis de parede.

O público poderá acompanhar a exposição com um folder explicativo e utilizar um áudio-guia, elaborado especificamente para esta exposição. Haverá, ainda, espaços educativos com livros de consulta sobre história, arte e cultura do Brasil no século XIX, além de um espaço interativo com navegação e jogos desenvolvidos para estimular a percepção de crianças, jovens e adultos a respeito das obras em exposição.

A exposição *Olhar Viajante na Casa Fiat de Cultura* é fruto de uma importante parceria com a Pinacoteca do Estado de São Paulo, que hoje tem a propriedade da Coleção Brasileira/Fundação Estudar. Carlos Martins, um dos curadores da exposição, foi o responsável pelo traslado da coleção da França para o Brasil em 1907, assim como pela coordenação dos trabalhos de pesquisa e conservação

no século XIX, além de um espaço interativo com navegação e jogos desenvolvidos para estimular a percepção de crianças, jovens e adultos a respeito das obras em exposição.

A exposição *Olhar Viajante na Casa Fiat de Cultura* é fruto de uma importante parceria com a Pinacoteca do Estado de São Paulo, que hoje tem a propriedade da Coleção Brasileira/Fundação Estudar. Carlos Martins, um dos curadores da exposição, foi o responsável pelo traslado da coleção da França para o Brasil em 1997, assim como pela coordenação dos trabalhos de pesquisa e conservação deste acervo durante os 10 anos em que esteve sob a guarda da Fundação Estudar, sediada na capital paulista. Em 2003, por meio de convênio entre a Fundação Estudar e a Secretaria de Cultura, o acervo foi transferido para a Pinacoteca do Estado, sendo doado ao Estado de São Paulo em 2007.

Para Marcelo Mattos Araújo, diretor executivo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, a seleção de obras da Coleção Brasileira, por meio da exposição *Olhar Viajante*, cumpre uma das funções primeiras de toda instituição museológica, que é a divulgação de suas coleções. "Esta parceria vem assinalar o nosso apreço pelo trabalho extremamente relevante que a Pinacoteca tem realizado no cenário das artes no Brasil", afirma o presidente José Eduardo de Lima Pereira, da Casa Fiat de Cultura.

Olhar Viajante é uma realização da Casa Fiat, com patrocínio da Fiat Automóveis, parceria do Banco Real e apoio cultural de empresas do Grupo Fiat: New Holland, Banco CNH Capital e Banco Fidis. A proponente do projeto no Ministério da Cultura, por meio da *Lei Rouanet*, é a APPA (Associação Pró-Cultura Palácio das Artes), parceira da Casa Fiat de Cultura desde a sua inauguração, em 2006. O desenvolvimento e a coordenação são da Expomus de São Paulo.

Programa Educativo

Assim como em outras exposições realizadas pela Casa Fiat de Cultura, *Olhar Viajante* conta com um programa educativo especialmente elaborado para orientar grupos, professores e alunos de escolas das redes pública e privada, cujo objetivo maior é incentivar o diálogo e a reflexão sobre as obras em exposição. As visitas mediadas são realizadas por uma equipe de educadores formados pela instituição.

No espaço educativo, serão realizadas duas atividades: *Construção da paisagem* e *Observação com câmera escura*. Por meio desta experiência, o público poderá vivenciar a construção de paisagens e cenas, bem como se colocar no papel do artista-viajante, para perceber como se dava a apreensão da paisagem a partir do uso de câmeras escuras.

Segundo a historiadora Flavia Galli, responsável pela concepção do programa educativo de *Olhar Viajante*, a proposta é a de apropriação das obras observadas no espaço expositivo e construção de uma imagem a partir da sensibilidade de cada visitante, ou de cada grupo de visitantes. "Se a primeira atividade é dedicada à apreensão da paisagem no século XIX, a segunda permite a montagem final de uma câmera escura em que o público poderá observar a paisagem construída na hora", explica.

Após as atividades, os alunos das escolas públicas e privadas receberão um caderno de atividades que apresentará propostas para trabalhar em casa ou na escola, sozinho ou com amigos.

Nos fins de semana, o público em geral terá acesso ao programa educativo, direcionado de terça a sexta-feira para escolas e grupos agendados. O agendamento para grupos e escolas poderá ser feito pelo telefone (31) 3289-8910 ou pelo e-mail agendamento@casafiat.com.br.

Serviço:

Exposição *Olhar Viajante na Casa Fiat de Cultura*

Período: **22 de outubro a 18 de dezembro**

Local: Casa Fiat de Cultura (Rua Jornalista Djalma Andrade, 1.250, Belvedere)

Horários: Terça a sexta-feira: 10h às 21h

Sábados, domingos e feriados: 14h às 21h

Entrada gratuita

Serviço: a Casa Fiat de Cultura oferece transporte gratuito, de terça a domingo, para o trajeto Praça da Liberdade/Casa Fiat de Cultura. Horários: 14h 15h 16h

Exposição *Olhar Viajante na Casa Fiat de Cultura*

Período: **22 de outubro a 18 de dezembro**

Local: Casa Fiat de Cultura (Rua Jornalista Djalma Andrade, 1.250, Belvedere)

Horários: Terça a sexta-feira: 10h às 21h

Sábados, domingos e feriados: 14h às 21h

Entrada gratuita

Serviço: a Casa Fiat de Cultura oferece transporte gratuito, de terça a domingo, para o trajeto Praça da Liberdade/Casa Fiat de Cultura. Horários: 14h, 15h, 16h, 17h, 18h, 19h e 20h. Horários do retorno sentido Casa Fiat de Cultura/Praça da Liberdade: 14h30, 15h30, 16h30, 17h30, 18h30, 19h30 e 21h. O ponto é em frente à Secretaria de Estado da Educação.

Agendamento para grupos e escolas: (31) 3289-8910 ou *e-mail:* agendamento@casafiat.com.br

Informações: (31) 3289-8900. Site: www.casafiatdecultura.com.br

Rede Comunicação de Resultado

Flávia Rios

Informações para a imprensa:

Polliane Eliziário - (31) 2555-5050/ 9788-3029

polliane@comunicacaorede.com.br